

**“UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA”:** reexistência e empoderamento de meninas e jovens mulheres de uma favela carioca

***Eixo Temático 26: Juventudes contemporâneas e articulações com os Estudos Culturais, Gênero e Sexualidade***

Mariana Cristina Borges Novais <sup>1</sup>  
Bárbara Aparecida Bepler Pires <sup>2</sup>  
Ludmila Mourão<sup>3</sup>

**RESUMO**

Os corpos são formados e significados a partir de processos de subjetivação sutis permeados por discursos de gênero que operam performativamente naturalizando feminilidades permitidas. A exclusão de meninas e jovens mulheres do esporte liga-se intrinsecamente a tais processos, impedindo-as de desenvolverem todo seu potencial. Analisamos ações do Programa Uma Vitória Leva à Outra que, através de oficinas temáticas e esportes, visa promover a tomada de consciência sobre direitos fundamentais, o empenho de instâncias e instituições no disciplinamento de seus corpos e como isso afeta suas existências. O Programa UVLO comunga atos de reexistência e contribui para o empoderamento de meninas e jovens mulheres moradoras de uma favela carioca.

**Palavras-chave:** Reexistência; Gênero; Feminismo; Empoderamento.

**INTRODUÇÃO**

Conforme argumentou Bento (2011, p. 94), “nunca foi tão necessário o feminismo e urge que façamos um bom combate à visão hegemônica que considera o feminismo como uma prerrogativa exclusiva das mulheres biológicas”. No Brasil, temos 34,5% de pessoas vivendo em assentamentos precários, sendo a maioria desses lares geridos por mulheres negras (PETRONE, 2019). Compartilhamos das ideias escritas por Petrone (2019) sobre o

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de **Educação Física** da Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF, [maribnovais@hotmail.com](mailto:maribnovais@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda pelo Curso de **Educação Física** da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [barbaraabpr@hotmail.com](mailto:barbaraabpr@hotmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Pós-Doutora, Faculdade de Educação Física - UFJF, [mouraoln@gmail.com](mailto:mouraoln@gmail.com).

“nosso feminismo” precisar “enfrentar a pobreza”, e dados apontam que a pobreza no Brasil é, majoritariamente, feminina e negra. Nosso feminismo só será urgente se for essencialmente palpável para a maioria das mulheres que aqui (sobre)vivem; um feminismo popular e emancipador. Portanto, os compromissos do feminismo podem ser descritos sob três pilares: teórico, político e prático; um movimento que deve, pois, acontecer para além das produções acadêmicas, dos muros das Universidades e dos moldes liberais. Importa-nos entender como (e se) os conceitos trabalhados na academia e que circulam atualmente nas mídias, como o empoderamento, estão (ou não) chegando aos grupos desprivilegiados.

Linda Alcoff (2016) diz que devemos prestar atenção às identidades sociais se nos posicionamos a favor do projeto de decolonização epistemológica porque as experiências em diferentes localizações são distintas e a localização importa para o conhecimento. Ainda aquém do ideal e por vezes sem considerar a pluralidade das identidades sociais, proliferam discussões, posicionamentos e ações que visam o desmonte da matriz branca, patriarcal e heteronormativa, sendo muitas delas de cunho feminista.

O feminismo é uma urgência no mundo. O feminismo é uma urgência na América Latina. O feminismo é uma urgência no Brasil. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa, acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas. E não é possível que nosso feminismo deixe corpos pelo caminho. Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não couber nela. (PETRONE, 2019, p. 10)

Nessa direção, o “Programa Uma Vitória Leva à Outra (UVLO) – meninas empoderadas pelo esporte”, é um programa-conjunto entre ONU Mulheres e o Comitê Olímpico Internacional, em parceria com as Organizações Não Governamentais (ONGs) *Women Win* e *Empodera*.

Ele visa garantir que meninas e mulheres possam participar, trabalhar com, governar e desfrutar do esporte em igualdade de condições. O programa foi reconhecido como um legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e, em sua segunda fase, de 2018 a 2021, treinou organizações esportivas a trabalhar com o empoderamento de meninas através do esporte e, assim, garantir resultados de longo prazo na quebra do ciclo da violência. (UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA, 2021).

A faixa etária atendida pelo UVLO (10 a 18 anos) é amparada por dados estatísticos como os 49% das meninas que abandonam a prática esportiva na puberdade; a autoestima de uma menina tende a cair duas vezes mais que a de um menino também nessa fase (IBGE, 2010).

A exclusão das meninas do esporte pela falta de incentivo, oportunidades, discriminação e pressões dos estereótipos de gênero, as impedem de desenvolver seu pleno potencial. Portanto, a adolescência é um momento crítico para intervir e reverter essa realidade. Nesse sentido, acredita-se que esta idade apresenta maior potencial para mudanças positivas na vida das adolescentes, tanto pela vulnerabilidade em que se encontram quanto por seu potencial enquanto agentes transformadoras da realidade social. (WOMAN WIN; EMPODERA, 2021, p. 9, grifo nosso)

Fundamentada na ideia de que, engendrados nas relações sociais de poder, os corpos são formados e conformados, e tornam-se inteligíveis culturalmente a partir de processos de subjetivação sutis, contínuos e fluidos, é preciso problematizar discursos de gênero que operam performativamente por meio de normas que naturalizam determinados comportamentos e expressões de feminilidades e masculinidades “adequadas” e “permitidas” culturalmente (BUTLER, 2000). Portanto, as práticas discursivas estereotipadas e discriminatórias mencionadas no excerto norteiam modos generificados e generificadores de educar meninas e meninos.

Esse constructo nos impulsionou a analisar o Programa UVLO que, por meio de oficinas temáticas e práticas esportivas, posiciona-se voltado ao empoderamento de meninas e jovens mulheres a fim de promover a tomada de consciência sobre seus tempos e escolhas; direitos fundamentais; tipos de violência que as assolam cotidianamente e os modos de que dispõem para superá-las; e sobre o forte empenho de diversas instâncias e instituições no disciplinamento de seus corpos e comportamentos que vêm a reverberar em todos os âmbitos de suas existências.

## **METODOLOGIA**

Utilizamos o exercício etnográfico de cunho pós-moderno (DAMICO, 2011 apud DAMICO; KLEIN, 2012) com adaptações para a netnografia; a análise documental; e entrevistas semiestruturadas. Tanto nas observações online quanto presenciais, foi utilizado o Diário de Campo (MINAYO, 2001).

Há protocolo de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFJF; todas as participantes foram esclarecidas da natureza da pesquisa e assinaram Termos de Consentimento e/ou de Assentimento.

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo qualitativa (BARDIN, 1977).

É sabido que às meninas e jovens mulheres não é, na maioria das vezes, dada a mesma condição de acesso a espaços de prática esportiva como é aos meninos (GOELLNER, 1999). Frente às condições distintas e desiguais conferidas a eles e elas, são interpelados/as em diferentes fases da vida, se aproximando ou se distanciando de determinadas atividades em todos os âmbitos, como os da prática esportiva, do estudo, do lazer e da atuação profissional. Atendendo à prerrogativa dos estudos *queer*, é preciso desnaturalizar a ideia de que meninas se exercitam menos; se envolvem mais em atividades praticadas em ambientes fechados; escolhem modalidades culturalmente associadas ao desenvolvimento de um corpo que atenda a padrões estéticos rígidos; não se sintam seguras para frequentarem certos espaços. Não obstante, esse é um processo complexo que requer prévia tomada de consciência. Uma educação dita feminista caminha nessa direção para que se tornem palpáveis estratégias de empoderamento para o enfrentamento às desigualdades e opressões.

Não há um conceito fechado na literatura acerca do significado de empoderamento, bem como não está totalmente posto que processos e ações funcionam (SARDENBERG, 2018). Em que pese as diferenças, importa que:

[...] na perspectiva feminista, empoderamento é pensado como uma jornada se desenrolando, gradativamente, com a conscientização e poder coletivo de mulheres. Nessa perspectiva, empoderamento não é entendido como algo que possa ser dado ou repassado para outrem, mas sim, tal como se dava nos grupos de conscientização feministas, como um processo de autorreconhecimento e reconhecimento das desigualdades de gênero, bem como do “direito de ter direitos” e de agir no sentido de provocar mudanças estruturais em prol de uma sociedade mais igualitária (SARDENBERG, 2018, p. 18).

O Programa UVLO acontece em territórios da cidade do Rio de Janeiro visando o empoderamento dentro da perspectiva descrita. Esse trabalho se refere às observações de uma turma da Cidade de Deus que com sessões de três horas ocorrendo duas vezes por semana, vivenciava experiências coletivas e dialogadas baseadas em temas do Currículo UVLO<sup>4</sup>. Num segundo momento, as meninas experimentavam uma prática esportiva ainda ligada ao tema do dia e, por fim, vivenciavam o judô e a capoeira. Uma das participantes entrevistadas (P2)

---

<sup>4</sup> O documento (Módulo Fundamentos) pode ser consultado através do link: <https://www.umavitorialevaaoutra.org.br/curriculo>. Destacamos aqui alguns dos temas abordados durante as observações: O corpo fala; Relações de poder; Identidade racial; Corpos, emoções e sexualidade; Métodos contraceptivos e IST's; Violência contra as mulheres; Meu futuro educacional; Trabalho, esportes e profissões.

narrou como se sentia durante as sessões e como era a relação com as facilitadoras e professoras:

(...) E tipo assim, eu nunca podia expressar minhas coisa aqui fora, entendeu? (...)tudo que eu acho, eu tenho opinião própria...ah, aqui fora não dá pra conversar com a minha mãe, não dá pra conversar com ninguém porque às vezes eles acha errado e acha que eu tenho que ter a mesma opinião. E lá dentro não, eles escutavam.

(...) Tipo assim, a gente se relacionava bem porque ali toda menina praticamente confiava nelas...porque conversava tudo que já passou ou passa na maior sinceridade.

Podemos tomar o conceito de resistência (SHARPE, 2017) à medida que a participação, por si só, assume forma de um ato de recusa e ruptura aos limites que são produzidos e normalizados no cotidiano da Cidade de Deus. De acordo com a autora, é negando o conhecido que abrimos possibilidades de imaginar o oposto e adentramos em um “mundo de poder ser”. Markula (2003) destaca que ao podermos questionar a “naturalidade” de nossa identidade e nos reconhecer como sujeitos com agência é que “surge a possibilidade de transgressão e, portanto, o potencial para criar novos tipos de experiências subjetivas” (p. 102). Já numa perspectiva decolonial, Achinte (2013, p.455 apud BARBOSA, 2020) propõe a substituição do termo resistência por reexistência, concebendo-o:

como os dispositivos que as comunidades criam e desenvolvem para inventar diariamente vida e assim poder enfrentar a realidade estabelecida pelo projeto hegemônico que desde a colônia até os dias atuais tem inferiorizado, silenciado e visibilizou negativamente a existência de comunidades afrodescendentes. A re-existência visa descentrar as lógicas estabelecidas para buscar nas profundezas das culturas (...) as chaves das formas organizacional, produção, alimentação, ritual e estética que permitem dignificar a vida e reinventá-la para continuar transformando. A re-existência aponta para o que o líder comunitário, cooperativo e sindical Héctor Daniel Useche Berón “Pájaro”, assassinado em 1986 no Município de Bugalagrande no centro de Valle del Cauca, Colômbia, uma vez levantava: “O que vamos inventar hoje para continuar vivendo?” (grifo nosso)

Então, “O que inventaram” as meninas e jovens mulheres da favela para se fazerem presentes nas oficinas e práticas esportivas? “O que inventam” cotidianamente pra “continuarem vivendo”? A participação e, sobretudo a conclusão dos módulos do Programa UVLO por parte das meninas e jovens mulheres da Cidade de Deus foram atos de reexistência. Quando perguntadas sobre se sentirem empoderadas após participarem das vivências, elas responderam positivamente; questionamos se algo na vida delas mudou durante e após o tempo do Programa e P3 respondeu destacando a importância das rodas de conversa em sua vida:



Sim, acho que o ponto de vista pra muita coisa mudou. Aprimorei, sabe?! Melhorou!

(...) Eu acho que...Eu devia ter recebido isso aí antes. (...) Teria aberto meus olhos há muito tempo atrás e não deixaria eu passar por certas situações.

Mulheres negras moradoras de favela sofrem com múltiplas opressões de maneira interseccional. São diversos os discursos que sustentam uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros; determinadas vozes em detrimento de outras; que visibiliza saberes e legitima culturas ao mesmo tempo em que apaga e silencia outros e outras, produzindo e reproduzindo desigualdades bem como construindo identidades (RIBEIRO, 2017). Assim, a oportunidade de frequentar um espaço seguro, estruturado e que valoriza as diferenças, configurando-se enquanto um “lugar de escuta”, é muito cara e vem sendo bem aproveitada pelas meninas e jovens mulheres que passam pelo UVLO.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda analisaremos se há presença no UVLO de erros crassos colocados por Segato (2012) como inerentes a programas de cooperação internacional e ações de ONGs: o olhar universalizante que recai sob a questão dos direitos humanos; uma definição eurocêntrica de gênero e as relações que este organiza; e a transversalidade.

Trabalhar com meninas e jovens mulheres moradoras de favela em prol de seu empoderamento passa também por melhorar o índice de desenvolvimento humano do território, indicando que programas desse cunho requerem políticas públicas alinhadas aos mesmos objetivos.

## REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**. Brasília, n. 1, v. 31, jan./abr., 2016.

BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. A narrativa como estratégia de resistência, o cotidiano como lugar de reexistência. ANPUH-Brasil-31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro, 2021.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

BENTO, Berenice. Política da diferença: feminismos e transexualidade. *In*: COLLING, L. (org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 79-110.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-198.

DAMICO, J.; KLEIN, C. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas. Campinas: 1999.

MARKULA, Pirkko. The technologies of the self: Sport, feminism, and foucault. **Sociology of Sport Journal**, 20, 87–107, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: **Voices**, 2001.

PETRONE, Talíria. Sobre Feminismo para os 99%. In ARRUZZA, C; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. (Orgs.) **Feminismo para os 99% Um Manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte(MG): **Letramento**: Justificando, 2017. 112 p.

SARDENBERG, C. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 15-29, jan./jun. 2018.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**, 18, 2012: 106-131.

SHARPE, Erin. Against Limits: A Post-structural Theorizing of Resistance in Leisure. In K. Spracklen; B. Lashua; E. Sharpe; S. Swain (eds.), *The Palgrave Handbook of Leisure Theory*. London: **Macmillan Publishers Ltd**. DOI 10.1057/978-1-137-56479-5\_51, p 911-926.

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA. Sobre o programa. Disponível em: <http://www.umavitorialevaaoutra.org.br/sobre-o-programa>. Acesso em 05 de abril de 2021.

WOMAN WIN; EMPODERA. Guia Internacional para o desenvolvimento de programas esportivos para meninas. ONU Mulheres, 2021. Disponível em: <https://www.umavitorialevaaoutra.org.br/ferramentas>. Acesso em 13 de janeiro de 2022.